

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR
 JOSÉ DA SILVA VIEIRA

Composição e impressão: Typ. Espozendense
 Rua Velga Beirão, 7 a 9
 ESPOZENDE

O ESPOZENDENSE

Semrario republicano evolucionista—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 LIVRARIA ESPOZENDENSE

Editor: Manuel Gomes da Costa Freitas

ACEITA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO

Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adiantado)

Anno, sem estampilha 1200 reis.
 Numero avulso 40 reis

Com estampilha 1360 reis.
 Brazil, (moeda forte) 2550 reis.

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL
 1886

ANNUNCIOS (secção competente)

Linha, ou espaço de linha a 40 reis
 Os assignantes tem 25% de desconto.

Comunicados, ou réclames (secções)
 Imposto do sello (cada publicação) 10 rs

O pagamento dos annuncios é feito no acto de entrega do original. Annuncios annuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se receba um exemplar.

A CADEIA DE ESPOZENDE

Vae ser um facto a remoção da velha e infecta cadeia para um local mais proprio, para um edificio adequado ás necessidades hygienicas e com condições de segurança. E' uma urgencia a realização d'esse melhoramento. A attental-o não está só o facto da forma unanime e persistente por que as auctoridades judiciaes e administrativas, além do proprio sub-delegado de saude, tem condemnado a subsistencia d'aquelle fóco perigoso no meio d'uma povoação. Attestam-o agora tambem mais uma vez, as nullas condições de segurança que esse velho edificio offerece para n'elle se conterem os presos o tempo que a Justiça ordena. Não; a cadeia assim como está, sem ar puro que lá dentro se respire, sem condições de solidez cuja auzença desafia a fuga dos prisioneiros, não pode subsistir nem mais um dia.

Ainda na semana passada, tres gatunos que n'ella se encontravam, com a facilidade costumada e pleno socego, resolveram vir provar mais uma vez que a cadeia d'Espozende, só por autonomia pode merecer tal denominação. Lá foram respirar o beneficio ar da liberdade, e como elles, como já tem succedido, irão todos os que lá sejam encerrados.

E' isto cadeia? E estes factos tão repetidos não impõem a urgente remoção e construção d'um novo edificio para cadeia?

E tanto assim, tambem, o tem pensado a illustre Camara Municipal d'este concelho, que d'esta vez será certo o

empreendimento que ella vae tomando de realizar com a maior brevidade tão importante melhoramento.

Ainda bem. E se nos é licito, juntamente com as nossas palavras de louvor e applauso por tão rasgada e patriótica iniciativa, «metter fouce em seára alheia» como sóe dizer-se, apenas pedimos que haja todo o escrupulo e cautela na escolha do local para onde será feita essa remoção.

D'ella dependerá talvez o evitar-se depois o arrependimento tardio que nos causa agora o facto de em 1732 (*) se não ter escolhido já convenientemente e com uma certa previsão, um local mais apropriado e afastado do centro da villa, do que aquelle em que ella actualmente se encontra.

Mas confiados como estamos no zelo e boa vontade d'aquelles que vão encetar a realização de tão alta medida, estamos agora certos de que para com ella se vae agora attender a tudo o que seja necessario e possivel fazer-se com os poucos recursos que ha, de forma a que por uma vez fique assegurada a hygiene e a esthetica da povoação.

(*) A actual cadeia d'escomarca foi edificada de 1732 a 1758, pelo mestre d'obras Domingos Martins, da freguezia de Gemezes, pela quantia de 600\$000 reis.

Na mesma epocha o referido empreiteiro construiu o antigo edificio dos paços do concelho, hoje modernizados, pela quantia de 900\$000 reis.

O PORTO NOS CAVALLOS DE FÃO

e a opinião da imprensa do paiz.

«NOVO PORTO DE MAR

A questão do porto de Leixões, ultimamente resolvida no parlamento, muito de afogadilho—diga-se de passagem—para satisfazer exigencias do alto commercio da capital do norte, sugeriu ao nosso confrade do «Espozendense» a ideia, ha muitos anos já concebida por ignorado engenheiro, de construir um porto de abrigo e comercial nos Cavallos de Fão.

Não vá porém o leitor incredulo pensar que isto de Cavallos de Fão é uma lenda, á maneira da dos Careças de Faldejas de

Ponte do Lima, Estes foram creados pela verve do extincto lapis de Sanhudo no «Sorvete» e os Cavallos de Fão não os inventou o arrojado patriotismo do nosso velho amigo Silva Vieira, director do hebdomadario «Espozendense».

Simplemente, tais Cavallos são de pedra e existem no fundo do mar. Formam como que uma cordilheira submarina, cujos pincares se elevam ao lume d'agua, em frente á costa maritima de Fão e Espozende e distando da praia destas localidades apenas uma milha,

Essa cordilheira, tal qual a natureza a creou e dispoz, é um dos mais terriveis escolhos da nossa costa. Ali tem sossobrado grandes transatlanticos e há bém pouco tempo o cruzador Almirante Reis correu grave risco por se aproximar demasiado desses baixios.

O nosso intemerato colega de Espozende, na ingloria campanha de engrandecer a sua terra e beneficiar toda esta bela região do norte do país, procura demonstrar que nos Cavallos de Fão se póde obter um magnifico porto de abrigo, em excepcionais condições de segurança e economia, sustentando ao mesmo tempo que o de Leixões é um sorvedouro insaciavel do erario publico, sem oferecer vantagens á navegação.

Se os referidos baixios da costa maritima d'Espozende tem ou não as condições naturais para a construção economica de um grande porto de abrigo, onde possam aportar as embarcações de maior tonelagem sem perigo, é o que não compete a nós dizello. E' esse um problema de grande engenharia hydraulica que sómente os technicos poderão resolver ao fim de aturados estudos.

O que é indubitavel é que Leixões tem sido realmente um sorvedouro dos dinheiros da nação, e está muito longe de corresponder ao fim a que destinaram as dispendiosas obras ali realisadas e que de novo irão reconeçar. Os factos, alguns bem tetricos e muito recentes, se tem encarregado de provar que Leixões não é o porto de abrigo seguro que a capital do norte ambiciona para as suas grandes transações commerciaes.

Esta razão é só por si bastante para justificar a campanha iniciada pelo «Espozendense» em prol d'um novo porto comercial na sua terra, servindo assim os interesses gerais do país, embora em detrimento de uma determinada cidade ou região.

Compete, pois, ao governo da Republica tomar em consideração as reclamações da população maritima do norte do país, mandando proceder a novos estudos naquela costa, para que se não diga que no novo regimen apenas se atende aos poderosos com desprezo manifesto dos humildes povoados.»

Do *Regional*, de Monção, n.º 579, anno 13.º, de 8 de Junho de 1913.

CARTA DE BARCELLOS

«CAVALLOS DE FÃO

A lembrança do aproveitamento dos chamados «Cavallos de Fão» para a construção do porto de abrigo, vae interessando a imprensa das localidades que se beneficiariam a contruir tal porto. Isto alguma coisa representa, mas muito por para o que é preciso fazer-se.

Como auxiliar algo impor-

tante, as camaras municipaes dos diversos concelhos, associações commerciaes e de classe deviam interferir n'esta causa, que está nos limites da sua boa administração promover o progresso das povoações, augmentando-lhes a riqueza com o desenvolvimento das industrias creadas, occasionando ensejo para criação de outras, alargando o commercio, e dando ao lavrador melhor remuneração e mais facil collocação para os seus productos agricolas.

E com o porto nos «Cavallos de Fão» tudo isto viria pouco a pouco, sobretudo a grande economia para o Estado, construindo-se o porto em Leixões ou nos Cavallos.

(Da correspondencia de Barcellos para o *Primeiro de Janeiro*, de 13 de Junho de 1912.)

«CAVALLOS DE FÃO

O nosso collega «O Espozendense», lançando mão de trabalhos auctorizados e de indiscutivel merecimento, vae pugnando em prol da construção d'um porto de abrigo para navios de grande tonelagem nos Cavallos de Fão.

A «Era Nova», distincto semanario que se publica em Barcellos, secundou a campanha patriótica iniciada pelo «O Espozendense» expondo com a proficiencia e brilho que lhe são peculiares, o grande alcance das vantagens que adviriam da construção d'aquelle porto de abrigo.

Ninguem desconhece o quanto de maravilhosa seria para nós e para toda esta região a construção do referido porto de abrigo.

Infileiramo-nos ao lado dos que pugnam por tão grande melhoramento, embora não vejamos probabilidades da sua realização.

Sobram as razões, são claros e terminantes os motivos adducido do porto de abrigo nos Cavallos de Fão; mas, apesar de se dizer que o Porto seria mais beneficiado com aquelle porto de abrigo nos Cavallos de Fão do que em Leixões, segundo a nossa humilde opinião, não acreditamos que os portuenses se conformem com isso.

Infelizmente, esta campanha altamente patriótica, este brado da imprensa em favor de toda esta região, em prol da construção de um porto de abrigo com segurança e economia com que não pode constituir-se em Leixões, hão de ser abafados pelas reclamações das grandes massas de povo da capital do norte, que collocará acima de todas as conveniencias a ambição de possuirem a dois passos d'aquella capital o referido porto de abrigo.

Oxalá que nos enganemos.

(Do *Barcelloense*, de Barcellos, n.º 119, anno 3.º, de 8 de Junho de 1913.)

CARTAS DE LONGE

TERRITET, (SUISSE)

27 DE JUNHO

Pó...ó...ó... Pó... pó... Sou o *Dion Bouton* aos vossos ouvidos, mal dealbava o dia lá por detraz das serras altaneiras.

Malas preparadas e tudo a postos para tomar o auto, foi n'um abrir e fechar d'olhos que o bom do *François*, nosso creado de quarto, arrumou as malas.

E lá nos puzemos a caminho da gare de Gannat, a fim de embarcarmos no rapido que nos havia da conduzir á esta pittoresca e incomparavel patria de Guilhermie Tell—a Suissa—e a esta linda e encantadora estancia d'ares.

Que optima viagem! E que surprehendedentes panoramas em todo o percurso!

Chegamos a Lyon (França) ás 10 horas.

Uma enorme gare, com um extraordinario e confuso movimento.

Os arrabaldes da cidade impressionaram-nos agradavelmente.

E como notassemos que enormes e numerosas fabricas enevoavam o espaço, vomitando espessos rólos de fumo das suas elevadas chaminés, dorminavamos o desejo de a visitarmos, visto haver alguma demora (2 horas) para embarcarmos no *sud-express*.

Almoçamos no grande restaurante da estação e, depois, alugados dois *taxis*, fomos fazer a desejada visita aos pontos principaes da grande cidade, centro commercial e industrial de primeira ordem, assás notavel pelo fabrico das suas roçagantes e magnificas sedas.

Chegados á alameda do Meio-Dia, por signal bem arborizada, percorremos os caes do Occidente e do *Fulcheron*, que margina a cidade (esta é atravessada por um rio bastante caudaloso e está ligada por muitas pontes). Depois fomos visitar a antiquissima cathedral de S. João, em estylo gothico e que possui lindos e artisticos *vitraux*; o palacio da Justiça, de soberbos columnadas; a fonte Bartholdo, em bronze, (uma figura de mulher sopeando quatro fogosos ginetes); o grandioso palacio das Artes; o *Theatro*; a Estatua das legiões defensoras da Patria; o extenso e pittoresco Parque *Perrache*; os enormes palacios dos Correios e da Perfeitura, etc.

E' muito arborizada, mas a limpeza das ruas e praças deixa muito a desejar.

Os jardins são mal dispostos e nota-se que merecem pouco cuidado a quem n'elles superintende.

Volvemos á estação. Não fossemos perder o comboio...

E lá fomos apressadamente embarcar no *sud-express* que vinha largando a toda.

Agora, os Alpes. E, depois

d'estes, umas amostras da linda paisagem suíça.

Oh! os Alpes! A paisagem suíça!

E o *express*, com a sua possante locomotiva, serpenteando por entre estreitas gargantas, ora entrava n'um tunel, para, d'ahi a pouco, entrar n'outro. E os Alpes foram-se divisando lá ao longe, muito ao longe, envoltos em algodoadas e alvissimas nuvens.

Tron, tron, tron, tron..., o *express*, a toda a velocidade, deslisava, galgava sempre, pelo contraforte de altioquas serras tapetadas de vegetação e cujos pincares pareciam tocar o ceu.

E os meus olhos, sempre fitos, estupefactos, não se cansavam de admirar esse sublime, maravilhoso, phantastico panorama que a Natureza nos ia desenrolando a pouco e pouco, como que para nos produzir sensações novas.

Já em territorio suíço, pelo sopé das montanhas e pelas campinas começavam a surgir pequeninas, microscopicas habitações, envoltas em roseiras e arbustos—os typicos chalésinhos.

Um silvo agudissimo da locomotiva, como que nos avisou de que nos aproximavamos de um tunel—e que grande, interminavel tunel! O *express* gastou, na sua passagem, uns 15 minutos.

D'ahi a pouco entrava—resfolegando, como que orgulhoso da sua enorme cauda, na gare de *Geneve*. Um edificio admiravel pela sua grandiosidade e soberba architectura.

Pareceu-nos uma cidade bonita, alegre—uma pequena Paris.

Tem 115 mil habitantes, na sua maioria estrangeiros, segundo li algures.

Possue uma esplendida obra de arte, que lamento não ter visto—o monumento ao duque de *Brunsvick*, que legou toda a sua enorme fortuna á cidade.

Que panorama, a junção do rio Rhone com o Arve! Um, azul; o Rhone. Outro, verde-mar; o Arve!

Geneve é banhada pelo lago *Leman*—o bonito lago de aguas azues-verdes, onde os cysnes, os alvos cysnes boiam!

Coisa notavel: N'este paiz, que já alguém lhe chamou a perola da Europa, não se pagam impostos. Que povo feliz, o suíço! Apenas os ricos pagam uma pequena percentagem. E a prostituição é prohibida; o que, penso, não obstará a que a haja.

E *Lausanne*, a assejada cidade, a terra do estudo e da educação! Que linda, que ideal, com os seus chalets artisticos, rendilhados...

Depois *Vevvey*, outra cidade, pequenina.

Em seguida *Ouchy*, *Clarens*, *Territet*, *Villaneuve*, com o mesmo delicioso, agradável aspecto, sempre e de todos os lados os originaes, singularissimos chalets, as ruas e avenidas um primor de asseio, com formosas arvoredos; e por quase todas as janelas e varandas, alindando-as, pintalgando-as,—flores, muitas flores em profusão, vermelhas, roxas, brancas...

A. P.

DENTISTA

Manoel Pinheiro, Cirurgião dentista, com consultorio na rua de Santo Antonio nº

165—1º da cidade do Porto, também dá consultas todos os domingos n'esta villa, em casa do Sr. João Magalhães.

CARTAS

Annotando nortadas...

E' sempre ridicula a mascara do anonymato. Não é com insulto que respondo a um insulto; socegue a digna redacção, porque isso não m'o aponta o caracter, que ainda prezo, nem a boa educação. Pessoas de bem me aconselharam a que não desse importancia a um simples anonymo, que não teve a coragem de firmar com o seu nome quanto quiz dizer na sua infelicissima local; mas não; apesar de todo e qualquer anonymo me causar sempre o nullo receio que é commum ter-se por simples cães de caça, que raro ou nunca mordem, não quero que os meus leitores julguem que eu enguli tudo quanto foi fructo dum puro destemperamento.

Já não quero fazer allusões pessoas, porque isso é feio, nem tanto tratar o assumpto da extensão da minha chronica passada. Assistiu-me a liberdade de nella ser breve e compete agora ao «delicado» anonymo dar concelhos para o futuro apenas em sua casa. Mas, vamos ao que motivou este pequeno incidente. Dizia eu na minha chronica passada que era vulgar encontrar-se pessoas que tinham a coragem de se afirmar catholicas convictas quando nada cumpriam dos deveres e preceitos da Igreja Catholica; citei até o facto dum cidadão me ter dito (não me pediu segredo nem tanto disse só a mim) que ha uns bons dez annos se não confessava nem ouvia missa preceituada, mas que por isso não deixava de ser catholico fervoroso. Pois bem, «delicado» anonymo, embora tomasse as dores e defeza desse cidadão, fique sabendo que verdadeiro catholico, como verdadeiro sabio, não é quem tal se afirma, mas sim o que pelo cumprimento dos seus deveres mostra que o é e tenha de pessoas honradas essa justa reputação. Isto vê-o uma creança das primeiras letras, porque o que é da simples intuição, da clara evidencia, não carece de demonstração. Quem em determinadas circunstancias gosa de certas regalias, baldadamente se vangloria destas quando faltem aquellas.

Eis o caso. E' uma questão de principios. Mas, reparo eu agora, dirijo-me afinal a um anonymo, que se diz apresenta como catholico—pelo que tem de estar *praticamente* em communhão com a Igreja catholica!

Catholicismo e *livre-pensamento* não é liga, meu caro. Quem com olhos de ver me tivesse lido na minha chronica passada certamente não se furtará a apontar a razão que me assiste. Como e por que meio feri eu susceptibilidades religiosas? A caso o tal *livre pensamento*, que não existe, constituirá uma associação religiosa? Não me parece; o que é chegado á conclusão de que só se lembra de ser livre pensador quem não quer ter religião alguma. Mas, é fac-

to mais que evidente, o homem sem religião não se comprehendendo nem é nada; e elle certamente não se querará ter no numero dos párias da existencia, dos seres inferiores, porque com o rosto nobremente levantado e as mãos sempre erguidas a apontar no ceo sua grandeza, encontra sempre contraste com esses mesmos.

Nada mais, e faço ponto porque a minha honra não permite continue a dirigir-me a um anonymo, livre pensador que á fina força quer ter junta a qualidade de catholico. Respeito-lhe ao menos a sua *sinceridade*.

Desculpando a forma por que se me dirige, que é bastante para o definir, só tenho a apontar-lhe, para terminar a maxima reflexão. E perante o presente incidente, levantada n'este periodico a minha dignidade manda-me retirar, pelo que desde já faço as minhas despedidas a quem bondosamente me soube ler.

Moansel Goré.

N. da R.

Apesar de termos prometido encerrar o incidente suscitado por «Moansel Goré» com a sua ultima chronica, a instantes sollicitações suas não podemos deixar de acceder a que dissesse o que sobre tal assumpto lhe aprouvesse, dentro dos limites da natural correcção e da materia controvertida. Excede-se elle, porém, na parte em que deslocando o assumpto, pretende atingir um anonymo, que precisamente por essa qualidade que lhe attribue e segundo a propria opinião que expende mas que não cumpre, lhe devia merecer silencio na apreciação pessoal. Porém, como dizemos, refere-se ao contrario a elle e d'uma fórma tal, que não querendo no entanto coarctar a defeza de *Moansel Goré*, para que o publico justamente possa apreciar do mérito da contenda, não poderemos tambem para os numeros seguintes impedir que o attencioso «espozendense» diga de sua justiça, querendo.

Publicamos tambem sobre o mesmo incidente uma carta que acaba de ser dirigida a esta redacção para ser entregue a «um espozendense» a qual, por esta fórma, na impossibilidade d'outra, fazemos chegar ao seu conhecimento.

A nossa... cadeia

No curto espaço de mezes fugiram por duas vezes da cadeia desta villa os presos que ali se encontravam, e, coisa curiosa, a ultima fuga só foi verificada pelo carcereiro ao meio dia quando se lhes ia distribuir a *santa*!

Quer isto simplesmente dizer que esses degenerados que habitam esses focos de imundicie, que dão pelo nome de cadeias, dão lições áqueles que, com umas coisas a que chamam leis, obrigam os presos a viver num curral de porcos.

Bem hajam os desgraçados que assim procederam! E que a sua resolução cale bem fundo no espirito dos que ministram justiça.

Pois ainda ha leis que atirem para o fundo de uma choça, individuos cujos delitos se resumem a terem, ás vezes, surripiado uns

reles centavos? Em que tempo vivemos nós para se praticar essas barbaridades improprias de um paiz que se diz civilizado?

Bem hajam os presos que fugiram! E o que é mais curioso é que quando foi da penultima fuga as autoridades entenderam de bom conselho mandar proceder a uma vistoria.

Quaes os resultados desse laborioso trabalho? e que remedios se applicaram?

E' preciso que os legisladores se convençam, de que é um grande erro que existam nas pequenas vilas cadeias com os forros de casas de detenção.

Nas villas, como a nossa, devia haver uma simples cadeia aonde se conservariam os presos até ao julgamento, não sendo esse demorado,—e depois de julgados e condemnados deveriam passar immediatamente para uma prisão de 1.ª ordem aonde houvesse hygiene e trabalho para os entreter.

Como se explica que haja leis no nosso paiz, uma terra que se forma de novo, que atirem para o fundo de uma espelunca o cidadão pelo facto de ter cometido um delicto insignificante?

Que de moralizador tem pegar num rapaz da aldeia, ainda que seja um ladrão, e sujeital-o a estar numa cadeia 1, 2 ou 3 annos, ocioso, inerte, vadio, passando esse eterno prazo postado ás grades da prisão implorando esmolas a quem passa?

Não estamos nós numa Republica florescente que tem que acabar com essas velharias, que parece delectavam os nossos avós?

Vamos senhores legisladores, senhores juizes, senhores delegados e senhores medicos, secundem o espirito desses pobres diabos que o outro dia deram uma lição gratuita.

Eles não queriam ser comidos pelas pulgas e pelos persevejos e morrer asfixados pelos *odores mirificos* de uma estrumeira mal cuidada!

Bem hajam os presos! Estarem na cadeia por ter *desviado* um pouco de toucinho, neste tempo das romarias, quando tanto figurão, oficialmente encartado, rouba outras coisas mais preciosas e ninguem lhes toma contas por isso!

Francamente muito espirito tiveram os rapazes, e pena foi que eles com a pressa não deixassem o endereço, porque não faltariam almas caridosas que lhes enviassem uma esportulasinha pela gracinha da partida pregada aquelles que os lá meteram.

Que estas palavras sirvam de aviso á nossa camara—antes de gastar dinheiro em cadeias.

Deve dizer aos altos poderes do Estado que preste um bocado de atenção ao que se passa nestas pequeninas terras,

* * *

Regresso

Da Suíça e França acabam de regressar os nossos presados amigos snrs. Alvaro Pinheiro e José Albino Alves de Faria que para aquelles paizes tinham seguido em digressão ha cerca d'um mez. Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

RESPOSTA A UMA RESPOSTA

Meu simples e admiravel «espozendense»:

Acabo de ler a ingenua carta, ingenuamente tambem publicada na gazeta da tua terra. Ora valha-te Deus, e a boa paciencia do nosso amigo Vieira em publicarte os sentimentaes desabafos contra o infeliz e furioso Moansel!

Não te lembras, acaso, de que talvez n'elle por um zomorphismo theologico muito justificavel, esteja incubado o espirito d'aquelle grande e virtuoso Pascal? E depois, raciocina: não achas uma equivalencia exacta entre as «Provinciaes» d'este e as «Annotando nortadas» d'aquelle?

Devias por isso, ter acatado com submissão aquella *evangelica* tecnologia com que elle denominou os *soi disants* catholicos que não vão á missa,

estes que lh'o agradecem, a não ser que queiram estimular-o d'outra forma e «reduzir-lhe as partes molles a almondegas», na phrase de Camillo,

Do contrario, não; sujeita-te ao peso da sua ferrea argumentação.

E vens tu ainda, n'um indomito frémito de revolta protestar contra as injurias bolsadas por um ministro da tua religião contra aquelles que pensam disformemente a elle e a til *Anathema sit!*

Ora deixa-te, pois, d'isso! Se ao menos lhe atirasses bojaras como granadas, o amarras, ses impiedosamente ao pelourinho do escarneo e o zurzisses com o látego de troça, ainda se comprehenderia a tua resposta.

Mas tu não fazes assim; quasi cahes n'aquelle «prosapia scientifica do naturalismo physico» de que na Universalidade fallava o Callisto. E desde a primeira á ultima palavra da tua carta, vejo-te com a preocupação formada de não ferires demasiadamente o teu contradictado.

Nada!... Eu no teu lugar, a ter de vir assim a publico modestamente entrouxado no «pseudonymo» que não «anonymo» (*le style c'est l'homme!*) de «um espozendense», começaria por collocar como anteloquio da tua no mais excellente resposta, aquella celebre quadra do João Penha n'um duello litterario em Coimbra:

Tinha ha muito um realejo
Só me faltava um macaco,
Hoje tenho o que desejo
Hei-de mostrar-te a pataco...

E a seguir corria mundo com o tal macaco que se chamaria *Gorilla*, depois de o ter convenientemente lavado e penteado e vestido com uns calções vermelhos.

E enquanto o fizesse voltar no polé do ridiculo, ou fosse no tablado d'um barracão de feira, acompanharia as piruetas da sua minguada illustração theologica, com interjeições e phrases d'uma indecifrável linguagem de cigano. Ficariam assim satisfeitas as exigencias da theatralisação e o Goré sobejamente conhecido! E dir-lhe-hia, então, por exemplo: «Eh! Moansel! Cadan meb a sa-val ad piesdeztu!

Ninguem, senão elle, comprehenderia a linguagem.

Então, sim! Então ainda se admittiria que viesses a publico